

Maceió para show e, em entrevista, fala sobre música e militância. B6



✦ Agora parte do B, Caderno Saber traz o pitoresco de Graciliano Ramos. B9



**MÊS ESPECIAL.** Em agosto, comemora-se no País a existência dessa prática, jogo e luta ancestral que, cada vez mais, torna-se ferramenta de transformação social

**JORGE BARBOZA**  
REPÓRTER

A palavra capoeira, de origem tupi (kapu'era), ainda hoje é muito utilizada na zona rural para identificar mata rala ou trechos de mata que foram queimados. Estudos etimológicos indicam a junção das palavras "ka'a" (mata) e "puêra" (que foi) para formar o vocábulo.

Mas a História apresenta outra versão: a de um cesto, chamado capoeira, em que os escravos transportavam as aves capadas que seriam vendidas nos mercados. No caminho da feira – defendem historiadores –, negros africanos escravizados no Brasil punham-se a brincar fazendo esses movimentos de luta, de jogo dançante que afinal ficando conhecido como capoeira.

Dia 3, quarta-feira passada, capoeiristas em Maceió e em diversos municípios de norte a sul de Alagoas comemoraram o Dia da Capoeira e do Capoeirista – efeméride instituída há apenas dois anos, inspirada numa lei paulista que homenageia o capoeirista, outorgada em 1985.

Há muito capoeirista (ou simplesmente "capoeira"), muitas associações e federações, grupos, institutos, reunindo mestres e contramestres, instrutores e alunos de capoeira. Está na universidade e na

periferia, na escola pública e particular e no shopping Pátio, que convidou a Federação de Capoeira do Estado para algumas horas de luta e jogo, na quarta-feira, comemorando o dia dessa arte marcial tão brasileira.

"Partindo do pressuposto de que nós estamos num Estado que tem uma prática de discriminação e racismo muito grande, e sendo a capoeira uma atividade genuinamente de matriz africana, essa data é importante para dar visibilidade ao jogo em espaços que antes ele não era aceito. Então esse dia, mesmo sendo simbólico, mesmo tendo muita coisa para conquistar, é muito importante nesse aspecto, o de poder visibilizar a capoeira em suas várias nuances", diz o contramestre Carlos Pereira da Silva, formado (e pós-graduado) em História pela Universidade Federal de Alagoas e presidente da Federação de Capoeira do Estado.

Segundo ele, "o movimento da capoeira hoje é muito forte em Maceió". "É forte do ponto de vista organizacional, porque está organizado em federações, em associações, em institutos de capoeira. E tem uma coisa interessante que é a busca por políticas públicas, para implementação de políticas a partir de legislação que já

existe, de leis específicas, de garantia da prática da capoeira nos diversos espaços, nas praças, nos ambientes coletivos."

Para o contramestre, participando do evento no bairro Salvador Lyra (parte alta da capital), "o movimento da capoeira está garantido em Maceió".

"No campo da pesquisa, do estudo, ela está hoje, pode-se dizer, em todos os espaços da sociedade, desde a periferia aos grandes centros, na classe média alta e nas escolas públicas e particulares. Está sendo utilizada como fisioterapia para portadores de necessidades especiais, para jovens, adultos e idosos, atingindo um patamar muito grande em Maceió."

A História aponta as origens do jogo – da luta pontuada pelo som do berimbau e acompanhada de canções – ao continente africano. Diz que, numa Angola ancestral, os golpes e movimentos ágeis da capoeira (utilizando chutes, cabeçadas, rasteiras, joelhadas e cotoveladas, numa acrobacia rítmica que permite voos coreográficos típicos das artes marciais) já eram praticados para comemorar a iniciação dos jovens à vida adulta.

A cerimônia chamada "n'golo" (zebra na língua angolana de quimbundo) era uma competição masculina animada pelo to-

que dos atabaques. Vencia o rapaz que conseguisse encostar o pé na cabeça do adversário, conquistando assim o direito de escolher uma moça sem precisar pagar o dote.

"Os primeiros registros da capoeira no Brasil datam do início do século 17, durante as invasões holandesas", afirma o mestre de primeiro grau Elias Bruno de Lima, de União dos Palmares, seguramente o município mais negro de Alagoas, palco de batalhas, na Colônia, entre a coroa portuguesa e os homens livres da chamada República dos Palmares.

"Há controvérsia sobre a origem da capoeira", diz mestre Elias. "No livro do padre José de Anchieta, 'Arte da Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil', publicado em 1595, há citações afirmando que os índios se divertiam jogando capoeira, surgindo daí a verdadeira capoeira. A gente quer provar – e tem subsídios para isso – que a capoeira foi criada aqui no Quilombo dos Palmares. O que existia na África era o n'golo, a dança da zebra. A capoeira foi desenvolvida aqui em União dos Palmares."

Polêmicas à parte, a dança, o jogo, a luta de capoeira conquista cada vez mais adeptos, tornando-se importante ferramenta de inclusão social e de valorização da nossa cultura.

"Nós trabalhamos tanto no processo de retirada, para tratamento, de pessoas de uma situação de vulnerabilidade social quanto na prevenção para que crianças e adolescentes não sejam surpreendidos por problemas de violência que a gente tem aí no dia a dia", observa o contramestre Carlos.

"A capoeira materializa um trabalho de mão dupla, tanto no tratamento quanto na prevenção para que as pessoas possam desenvolver a partir da capoeira uma nova possibilidade de vida. Podemos entender a capoeira hoje como profissão, seja jogando, dando aula, sendo professor de capoeira, produzindo instrumentos, fabricando roupa... Tem uma diversidade de atividades que o capoeirista hoje pode trabalhar."

No conjunto Eustáquio Gomes, também na parte alta de Maceió, o capoeirista Denis Angola dá aula às terças e quintas-feiras, sempre no horário das 17h, no chamado grupo Centro de Capoeira de São Jorge.

"Eu morava no Jacintinho e comecei a treinar no Cepa, no Farol", ele conta. "Comecei a desenvolver, dar aula, e montei uma escola em 2002. Depois, em 2004, criei outra escola no Village Campestre que está lá até hoje, conduzida pelo instru-

tor José Wilson, o Índio. Trabalhamos com a comunidade periférica dos bairros circunvizinhos. Outro instrutor formado ali, o Timão – o nome dele é Jônatas Oliveira –, dá aula no Capes [programa do Ministério da Educação]. Há, ainda, um trabalho que fazemos junto aos índios Wassu Cocal no município de Joaquim Gomes. Quem dá aula lá é Almir Onório, o Sombra", explica Denis Angola.

Ouvimos e olhos atentos para não perder as diversas atividades capoeiristas programadas para todo este mês de agosto. "O dia 3 é simbólico. O mês de agosto inteiro é da capoeira. Há muitos grupos diferentes, todos eles muito bem desenvolvidos. Falta apoio ainda, mas hoje a capoeira é uma profissão. Trabalhamos com as crianças, abordamos várias áreas da formação humana. Em Portugal, a capoeira é supervalorizada, os professores ganham muito bem, obrigado. No Brasil é que os salários ainda são muito baixos", ensina Denis Angola, formado em Artes na Ufal, com licenciatura em Dança.

"Mesmo eu sendo formado, há uma dificuldade de espaço para você trabalhar. As gerações anteriores a nossa também tiveram essa dificuldade. É uma briga nossa." ☺

Leia mais na página B2